

Paulo Freire: o homem e o mito - um encontro em três momentos.

Jair Militão da Silva (março/95)

Primeiro Momento:

Final da década de 70. Tarde de domingo na periferia paulistana, mais precisamente, Zona Leste. Comunidades eclesiais de base, militantes de movimentos de trabalhadores, grupos de mães e universitários da pastoral universitária da arquidiocese de São Paulo, engajados na luta pela melhoria das condições de vida da população explorada, esperam Paulo Freire, a convite de Dom Luciano Mendes de Almeida, então bispo auxiliar responsável pela Região Leste, em um salão comunitário, construído de madeira, lembrando mais uma taba indígena pelo seu formato circular, amplamente ventilado graças a seus inúmeros buracos nas paredes. A expectativa era grande, pois seria o momento do encontro com aquele que, pelos seus escritos e mesmo sem nos conhecer pessoalmente, nos animava na luta, nos compreendia, pensava exatamente como nós.... Aquele que nos orientava metodologicamente, nos confirmava em nossas iniciativas. De fato, a maioria dos que ali esperavam acreditava-se especialista no "método Paulo Freire". Estávamos à espera de alguém que corresponderia aos nossos sonhos, às nossas imagens tantas vezes elaboradas nas lutas que se travavam então. Encontraríamos nada menos que o próprio Paulo Freire em pessoa... Todavia, o inesperado aconteceu... Após uma boa demora além da hora marcada chega uma comitiva, com pessoas com gravador a tiracolo, um senhor vestido com um conjunto safari, falando de modo pouco habitual para nós e querendo conhecer-nos, pelo que nos pareceu na época, como uma tribo diferente ou um fato antropológico e não como seus velhos amigos de luta. A frustração foi grande e pude perceber como se pode passar rápida e facilmente da admiração à desconfiança. A impressão que ficou foi esta: Paulo Freire é elitista, não é dos nossos, está do outro lado...

Segundo Momento:

Por sorte, não encontrei Paulo Freire somente nesse dia mas pude revê-lo e relacionar-me com ele em diversas outras ocasiões, como professor que fui na PUC-SP e como integrante das Comunidades Universitárias de Base - CUBs, da Pastoral Universitária da Arquidiocese de São Paulo.

Graças ao esforço de D. Paulo Evaristo Arns, Paulo Freire realizou uma série de encontros com os universitários das CUBs. Foi aí que aprendi com Paulo Freire, que existe um "fichamento de idéias" no qual é possível ser autor e não mero compilador; que trabalho intelectual é sobretudo pensar a prática para descobrir seu sentido. Tive oportunidade de participar em alguns eventos ligados à Pastoral Universitária: assim, por exemplo, fui a Florianópolis- SC, para um encontro sobre "trabalho de base e método Paulo Freire", quando, durante dois dias foram expostos trabalhos que "seguramente (sic!)" utilizavam o método Paulo Freire: cada um com uma perspectiva totalmente diversa do outro, nos seus pressupostos, nos seus fins, nas suas práticas...O que unia a todos, apesar da evidente diversidade era crerem-se discípulos de Paulo Freire.

Terceiro Momento:

Transferindo-me da PUC-SP para a USP-SP, pude encontrar-me com Paulo Freire em algumas situações que me ajudaram a compreender um pouco melhor o que seja a presença dele entre nós. Quer observando seu desempenho em algumas bancas de tese e, principalmente, em uma iniciativa intitulada "Encontros com Paulo Freire" realizados na Faculdade de Educação da USP, pude partilhar de momentos em que ele ensinou-nos a pensar a prática, a extrair dos acontecimentos o significado que nos permite crescer como seres humanos. Pude entender então, que naquele primeiro encontro gerador de tanta frustração estávamos nos encontrando como o mito, com a imagem ideal que fazíamos dele e que, felizmente, ele não buscava cultivar. A convivência, ainda que não cotidiana, levou-me a compreender, ao longo desses anos que, ao lado da enorme contribuição dada por Paulo Freire à cultura e à ciência mundiais, há uma outra que as pessoas que tem a felicidade de encontra-lo pessoalmente podem perceber. Aquela primeira impressão de altivez (que levou o povo a considera-lo elitista) é de fato altivez, só que não fruto da soberba mas sim da convicção de que quem dialoga sempre respeita o outro; é altivez cheia de paz e não de beligerância. Paulo Freire pode ser verdadeiro pois ele sabe dizer o que deve ser dito sem agredir, sem ferir. Afirmar uma convicção com clareza é fazer-se presente e tornar-se interlocutor para o outro, é não omitir-se.

Em um desses Encontros com Paulo Freire, onde por sorte coube-me substituir o Professor Moacir Gadotti na coordenação, pude sintetizar o resultado dos trabalhos desenvolvidos afirmando que Paulo Freire é comovente e poético, recomendando que os ouvintes atentassem bem para o significado das palavras, de modo a que descobrissem ser Paulo Freire alguém que incentiva a criatividade, a autenticidade e a ação.

Mas entre todas as impressões deixadas por Paulo Freire nesses anos, existe uma que mais me chamou a atenção e foi por ocasião de sua indicação para Secretário da Educação do Município de São Paulo, no Governo da Prefeita Luiza Erundina, logo após o governo Jânio Quadros, de filosofia e prática opostas às que viriam a ser instaladas. Encontrando-se com Paulo Freire em uma solenidade acadêmica alguém perguntou-lhe se "sabia onde estava entrando". Paulo Freire respondeu confirmando saber onde estava entrando. E de fato, os acontecimentos posteriores vieram a demonstrar que sabia bem onde pisava e que contribuição podia dar. Pude notar, na ocasião, uma aparente fragilidade física, ao lado de uma clara coragem moral acompanhadas de grande tranquilidade, com que afrontava o desafio. Para Paulo Freire parecia não haver inimigos a vencer mas situações a construir, pessoas a ajudar no caminho de ser, de tornar-se humanas. Certamente, com pessoas como Paulo Freire dificilmente as guerras começariam.